

Cardoso rejeita reformas à Pinochet

por Getúlio Bittencourt
de São Francisco
(Continuação da pág. A-1)

“Nós estamos nos comparando com os países industrializados, que nos comparam com as outras economias em desenvolvimento”.

O destaque, a seu ver, é que as reformas econômicas no Brasil estão acontecendo num regime democrático, e foi nesse ponto, então, que ele descartou a hipótese da rapidez pinochetiana.

Nessa escala técnica de sua viagem de Estado ao Japão, o presidente brasileiro teve sua política externa comparada com a de alguns de seus antecessores – o general Ernesto Geisel

(1974-1978), que tentou ampliar laços com a Alemanha e o Japão para reduzir a dependência brasileira dos EUA, e os presidentes civis José Sarney, Fernando Collor e Itamar Franco, que se concentraram na América Latina.

A política externa de seu governo é diferente “porque o mundo mudou desde a queda do muro de Berlim”, argumentou Fernando Henrique. Ele considera que o Mercosul é a prioridade da política externa do Brasil, mas elogiou o esforço de diversificação do governo Geisel – um modelo que está de certo modo seguindo.

Isso não quer dizer copiando. O presidente explicou que manter

boas relações com os EUA lhe parece fundamental, e destacou o fato de o Brasil não ter hoje nenhum contencioso com os norte-americanos. Não se pode dizer o mesmo do Governo Geisel. Ao mesmo tempo, Fernando Henrique se propõe a ampliar o modelo acrescentando também a ênfase nas relações a China e a Índia.

JAPÃO

O presidente lembrou que sua viagem ao Japão coincide com as 100 anos de relações entre os dois países, e será complementada com a esperada visita do imperador japonês ao Brasil em 1997. Ele espera também concluir uma sé-

rie de acordos de financiamento com o Eximbank japonês esta semana em Tóquio.

Mencionou especificamente financiamentos de cerca de US\$ 2 bilhões para obras no Estado de Tocantins, estradas de ferro e Cenibra, uma de papel e celulose da Companhia Vale do Rio Doce e sócios japoneses em Minas Gerais. “O importante é que não será só um financiamento, mas um leque de investimentos”, ressaltou.

Na esteira, informou que está muito satisfeito com a vitória de uma empresa dos EUA no leilão de privatização de uma parte da Rede Ferroviária Federal, porque isso trará uma experiência impor-

tante no setor para o Brasil – e vai ocorrer “de forma criativa, através de um arrendamento”.

Fernando Henrique aproveitou para esclarecer que seu governo é favorável a privatização do setor de telecomunicações, “mas uma privatização responsável”, com regras claras. Tanto para os investimentos do setor, que são planejados no patamar de US\$ 40 bilhões nos próximos anos, como para a política de ta-

dades de bicicleta para vendê-los aos compradores finais.

Os custos mais baixos e os prazos mais longos refletem, a seu ver, uma nova confiança do investidor japonês na economia brasileira, Fernando Henrique entende que o Brasil deve ser comparado mais com países como China, Índia e EUA porque têm populações grandes e territórios enormes.

“Não é que nos consideremos melhores que ninguém”, argumentou, “mas é uma questão de proporções diferentes. Talvez seja mais difícil fazer reformas no Brasil que no Chile pro essa razão. Ou também na Argentina, cuja economia é maior mas que tem uma população mais homogênea”.

ESTATÍSTICAS

O Brasil talvez tenha sua imagem prejudicada no exterior por uma outra razão, de acordo com o presidente Fernando Henrique: estatísticas. Ele lembra que nossas estatísticas são frequentemente desatualizadas, e espera que o presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Simon Schwartzman, que classificou como um técnico muito competente, possa resolver o problema.

Mesmo as políticas internas do país sofrem com essas deficiências. Fernando Henrique citou o caso do recente fundo criado para ajudar famílias com vários membros e renda de apenas um salário mínimo. Elas receberam uma ajuda do governo de um salário mínimo adicional. A expectativa era de que cerca de 450 mil famílias se apresentassem. Surgiram pouco mais de mil famílias pedindo o benefício.

“Isso mostra que nossas estatísticas indicavam uma situação de pobreza muito pior do que a existente na realidade”, acrescentou. “Vamos então ter que dobrar a exigência de renda mí-

nima, de um para dois salários mínimos, para ampliar o atendimento à população pobre”.

SISTEMA FINANCEIRO

As dificuldades do sistema financeiro brasileiro não prejudicam a imagem do Brasil no exterior, na avaliação do presidente, que considera “a situação dos bancos japoneses, por exemplo, muito pior do que a nossa”. Ele disse também que o livre fluxo de capitais externos entre os países não é uma dificuldade só do Brasil, mas afeta igualmente os países industrializados.

O assunto emergiu em suas conversas com chefes de Estado nos EUA e, mais recentemente, em sua visita à Espanha. “No nosso caso particular, estamos menos vulneráveis que muitos países, porque nossas reservas estão muito altas e parte considerável se deve ao crescente investimento direto externo. Mas não há dúvidas que o fluxo do capital de curto prazo deve ser melhor monitorado”.



Fernando Henrique
Cardoso